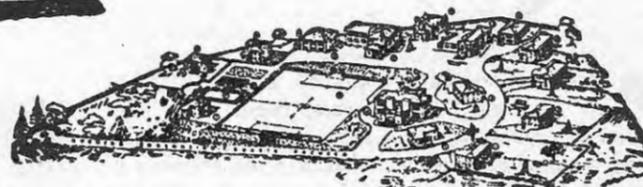




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 491 — Preço 1\$00
5 DE JANEIRO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

23.º Aniversário

«Que Deus continue a iluminá-los na recuperação dos valores humanos que os nossos pecados sociais têm desprezado, são os votos e algumas orações do...»



PAI AMÉRICO

É um Professor de um Liceu de Lisboa, quem estas linhas manda: Os parabéns mais adequados na festa aniversária da «Obra da Rua».

Por contraste, e também por analogia, somos levados àquele passo dos Actos dos Apóstolos, escolhido para leitura da Missa do SS.mo Nome de Jesus:

«Chefes do Povo e Anciãos, escutai: Já que hoje somos interrogados por termos feito bem a um enfermo e sobre o modo como ele foi curado, sabeis, vós e todo o Povo de Israel, que este homem que está diante de vós perfeitamente são, foi curado em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, esse mesmo Jesus que vós crucificaste, mas que Deus ressuscitou dos mortos».

É Pedro quem fala, «cheio de Espírito Santo».

Podemos dizer com verdade que também aquele Professor foi cheio do Espírito Santo quando escreveu. É que Jesus Cristo continua desprezado, crucificado pelos nossos pecados sociais.

Pelos nossos, pelas acções e ainda mais pelas omissões do novo povo de Israel. Que os que não pertencem ao Povo ignorem e maltratem o Senhor... tem atenuantes. Mas os Seus, os que Ele preveniu e libertou com o Seu Sangue, que esses continuem a pecar, não só um a um mercê da humana fragilidade, mas colectivamente, como Povo que não vive a Lei do seu Senhor — isso é o Escândalo!

A «Obra da Rua», apesar da fragilidade daqueles que a trazem sobre os ombros, tem redimido ao longo dos seus 23 anos cumpridos, os «nossos pecados sociais» na «recuperação de valores humanos desprezados». E é essa mesma fragilidade que avulta a Causa verdadeira do bem feito a tantos doentes de alma: Quantos chegaram enfermos e hoje estão diante de vós, perfeitamente são, sabeis, vós todos, que foi Nosso Senhor Jesus Cristo quem os curou, esse mesmo Jesus, que outrora foi pregado numa cruz material e continua preso a uma cruz mística pelos nossos pecados sociais.

Só a reacção do Povo de Deus naquele tempo e hoje, a

Registro na nossa agenda. Se o espaço o permitisse havíamos de acompanhar de joelhos muitos que vêm até nós, embora todos sejam dignos.

Móveis usados de Coimbra; mais móveis da mesma; mais ainda um armário. Que contentes têm ficado as Criaditas dos Pobres quando lhas levo! Um embrulho de roupas de menino de Montemor-o-Velho, a cheirar a muito amor; cem a um gaiato ao fundo da quinta; 150 de Leiria a pedir para o marido; 400\$ de Lisboa para a família mártir dos onze filhos; 1.000 de Lisboa para a mesma;

Televisor

Devia ser P.e Baptista... mas ele tem vergonha.

É um televisor para o Calvário.

Há um em Beire. Normalmente está na Casa do Gaiato, pois são os rapazes, como é natural, os mais aferroados. Mas os doentes também gostam. E há deles que precisam de distração como de um remédio.

Ora um televisor prás duas casas é pouco, e qualquer dia é capaz de não ser para nenhuma. É que, abaixo e acima, corre o risco de ficar no caminho. E depois nem Gaiatos, nem Doentes!

Vamos lá a ver quem levanta o dedo...!

Não mandem sem perguntar primeiro, que nós só precisamos de um!

respeito da Obra da Rua, não foi igual. Esta tem sido amada e geralmente compreendida. Tem sido compreendida e geralmente amada. Mas, ainda assim, uma vez ou outra fomos interrogados por ter feito bem.

É a contradição. É o selo. Pelo bem e pelo mal, pelas alegrias e pelas dores, pela gratidão e pelo esquecimento, por tudo e em tudo seja louvado e bendito o SS.mo Nome de Jesus.

TRIBUNA de Coimbra

treze mil de Lisboa idem; um cobertor de Loriga idem; mil da primeira prestação de uma tripeira em Coimbra idem; oito mil, mais mil de um casal novo, idem; trezentos do assinante 20.315, idem; cinco mil de Lamego e uma carta que vos hei de ler, idem.

Quinhentos em Santa Cruz; duas malas de roupas no Castelo; 50 à mão na rua em Coimbra; 40 de um sacerdote na Lousã; 200 da Covilhã; 100 em Coimbra a um vendedor; o mesmo, na mesma, dum Senhor Doutor ao seu vendedor; 300 no Castelo dum casal do Lobito; dez mil e quinhentos na

entrega da Casa-Mãe do Bairro de Coimbra; 100 para a assinatura e castanhas de mãe vizinha; um saco de pão de Tomar, pelas almas dos seus; 50 na Estação Velha.

Cem levados ao Lar por duas Senhoras; 200 no mesmo de Maria da Conceição; um pneu usado de advogado amigo; 50 de promessa; 50 no Lar de uma enfermeira; cem mais 20 em Mira; 500 e mimos na visita das Noelistas de Coimbra; 500 e cumprimentos de um oficial da aviação que passou e prometeu voltar com os filhos; de

continua na página QUATRO

UMA CARTA

«Há cerca de quinze dias enviei para a Nossa Obra, a importância de mil e cem escudos, que fará o favor de utilizar como melhor lhe aprover. Tinha prometido essa importância se concluísse em Outubro, o meu curso, mas só no início deste mês tive possibilidades de o fazer, pois não tenho emprego e mantenho-me com uma Bolsa de Estudos e alguma coisa que os meus me mandam. Porém, Deus seja louvado, vou vivendo melhor do que tantos e tantos dos nossos irmãos, e apesar de em Medicina ser difícil ganhar materialmente nos primeiros anos, quão rica de recompensas espirituais é a vida que me espera. Assim eu possa agradecer a Deus o que já consegui mesmo sem dinheiro.

Peço humildemente uma oração por mim e pelos meus pecados, mas especialmente para minha mãe que se acha em convalescença de uma melindrosa intervenção cirúrgica.

Deus abençoe a nossa Obra do Gaiato e dê a todos um pouco mais de compreensão para melhor conhecermos os menos afortunados.»

★

Trata-se de um jovem médico acabado de formar. Quem é?... Não sei, nem importa. Deus sabe.

O sublinhado é nosso.

A carta... tomei-a e ofereço-a para meditação.



VISTAS DE DENTRO

TOJAL

SELOS USADOS — Esta quinzena temos o grato prazer de anunciar a presença do nosso Ultramar! É de Nampula. E quem a mandou foi um Jicista. Selos muito bem preparados. Limpinhos e cortados com um carinho enternecedor. A esta nossa amiga Jicista de Nampula concedemos, mercadamente, o Quadro d'Honra. Bem haja.

Vamos pois continuar com as premissas: de Conceição Antunes, Rua do Embaixador, 13, em Lisboa. Atenção Avelino, esta senhora deseja ser assinante do Famoso. Vê a direcção que está completa. De D. Jenny J. de Mendonça Canedo, de Lisboa. Do Montepio Geral de Lisboa vemos encemendas vindas de lá e por intermédio dos vendedores; mais de D. Constança Figueiredo, de Lisboa. Porque é que o Porto não comparece? Estarão os nossos amigos nortenhos a preparar alguma surpresa? Deus queira que sim. Outra vez Lisboa, de António Santos Moraes. Aparece agora Póvoa de Lanhoso com selos e esta carta, que veio de Paço de Sousa:

Como hoje recebemos o vosso jornal e vi que pedem selos usados, ai mando esses e para já não tenho mais. Estava a juntá-los porque já tenho

d'Honra. Outra vez Coimbra, de A. S.. E agora um donativo de 500\$00 para a Máquina. Veio da Parede, de uma senhora muito nossa conhecida e muito amiga. Ela vai ficar zangada por eu falar neste donativo e nela, mas tenha paciência, porque eu preciso de tornar a dizer aos nossos leitores que também podem mandar os seus donativos para a máquina. Está bem? Assim faltavam 166.000\$. Tirando 520\$ chegados esta quinzena, — faltam 165.480\$00. As vossas migalhas e os selos usados vão liquidando pouco a pouco.

Candido Pereira

III

MIRANDA

O MEU TESTEMUNHO

A juventude é uma época entre duas idades em que o coração se volta não se sabe para que desejos — ou «país dos sonhos»...

Todo o rapaz é livre no pensar e no fazer. Mas, para vergonha sua nem tudo o que se pensa e se faz é bem. O rapaz na sua idade de jovem precisa de guia. Precisa de alguém que lhe faça ver a vida e desviá-lo das impurezas e malandrices próprias da idade, para que tais impurezas e malandrices se não tornem hábitos e o



PELAS CASAS DO GAIATO

mandado para vários sanatórios, para doentes que pedem nos jornais.

Mas como sempre ouvi dizer, a rapação não é para quem se talha e sim para quem merece. Era para os mandar directamente para o Tojal mas como não sei bem a direcção enviava para ai, porque julgo ser tudo o mesmo, e dai fazem o favor de enviar para o Tojal.

Quero dizer-lhe também que sou filho do vosso assinante Arlindo Luiz Macedo e só hoje é que me dei ao cuidado de ler o jornal de ponta-a-ponta.

E por hoje termino enviando cumprimentos para todos, muitas felicidades para o Daniel e Nêlita e muitas prosperidades para a vossa grandiosa Obra. Sempre às ordens

Irene Macedo

Para que todos os nossos amigos se não esqueçam, Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal — Loures. E atenção, senhoras e senhores, o Famoso é para se ler de ponta a ponta, — sempre! Há notícias por vezes importantes nas nossas crónicas, — inclusive pedidos urgentes. Do Porto, no Espelho da Morga, deites bonitos e bons, de D. Isabel Reis; e outra vez o Porto, de «uma Amiga da Obra da Rua», que pede desculpa por serem poucos e vai fazer o possível por mandar mais. Muito obrigado. Vem a seguir Maria da Conceição Oliveira, de Castelo da Maia; agora é Paço d'Arcos, de Maria Ana Lopes. Queremos informar esta senhora de que não deve tirar os papéis dos selos... porque rendem mais, assim. Aproveitamos para informar, novamente, que os nossos leitores e amigos de Lisboa e seus arredores devem enviar para aqui os seus donativos e pagamentos de assinaturas. É preciso que cada cidade sustente a sua Casa do Gaiato. E neste ponto, o que Lisboa teria que fazer para nos ajudar... Falaremos nisso noutra altura.

Mais Coimbra com uma caixinha de selos e este postal tão lindo e simples:

Envio por este correio uma caixa de selos para a vossa campanha. Talvez nem todos sejam aproveitáveis mas como me é impossível saber conhecê-las vão todos, ai farão a escolha. Uma Avé Maria por quem os colou nas cartas, para que Deus os proteja e guarde.

Desejo à Obra e a vós todos, muitas prosperidades.

Muito obrigado pelos vossos de prosperidades e faremos como pede. Mais selos e 20\$00 duma amiga de Moscavide. Bem haja. Vem a seguir uma encomenda de categoria do nosso assinante n.º 905, de Almada. É a segunda vez que comparece e sempre com muita categoria. Se não fora a chegada de Nampula, seria esta a do Quadro

escravizem tornando-o «Canalha» depois em idades em que já parece mal. Mas aconteceu mesmo, que os pais ou quem os substitua — como é o nosso caso — os querem livrar dos perigos e os filhos aparentemente parecem desviados daquele mau caminho, para que os pais se convençam do seu desinteresse, mas no fundo o filho está agarrado àquela rapariga... Aquela rapariga que nem tem qualidades nem formação. Mas lá porque se apresenta bem e tem uma casa ou umas liberdades a nosso jeito, já se gosta dela. As vezes não é só porque ela se apresenta bem e tem uma cara ou umas liberdades a nosso jeito, mas simplesmente porque as mães se tornam intermediárias... e então é outra loira. Quando estão com medo de as filhas ficarem solteiras andam atrás do rapaz, então... Sim, mas ele mesmo julgando-se esperto, não dá por isso, e cai na rede... Ele sabe que ser rapaz, ser jovem é deixar-se iludir facilmente. Só ele não pensa assim. Já se sabe experiente... não quer conselheiros...

O rapaz pensa na liberdade que desejava ter para satisfazer os encantos femininos mais seus preferidos. Essa liberdade, se lhe recusam para tal ele saberá conseguí-la a outros títulos. Mas depois começa a ver que elas só lhe trazem inquietações e já não sabe que fazer à liberdade. Desejos contraditórios começam a aparecer misturados com inquietações sem saber às vezes donde vêm. Quer ser homem mas não o sabe ser. Não sabe o que quer. Quer ser independente e não sabe usar da liberdade. Faz dela libertinagem — que é escravidão. Quer ter energia e alma para realizar todas as conquistas capazes de satisfazer os desejos íntimos do seu coração.

Quer ser conquistador de grandes coisas. A nossa juventude é cheia de espinhos. Felizmente nas nossas casas os rapazes costumam equilibrar-se dum maneira geral. Mas vê-se cada uma lá fora. E é que se lhes não pode dizer nada. Julgam-se independentes. Coitados!... Quantas vezes não tivemos nós também a tentação de fazer tal figura! E o pior é que nem sequer acreditávamos tratar-se de tentação... Ainda bem que houve quem nos abrisse os olhos!... Põe-te a pau F. que o teu maior inimigo és tu mesmo.

Ele já cá não está, mas foi daqui durante muito tempo. Porque todos lhe queríamos muito, ele continua a ser particularmente da nossa família. Choram quando ele chora e alegramo-nos quando ele se alegra. Falo do Machado, o Senhor do «staminé», (como ele chama ao seu quiosque) da Praça da República da nossa cidade doutora. Ora ele que casou o ano passado vive agora momento de muita alegria. A sua Maria Teresa brindou-o com uma linda menina. Nós já lá fomos vê-la

A hora de despacho é uma de muita consideração em todos os escritórios onde há assuntos sérios a tratar. Ninguém interrompe. Ninguém se atreve. A gente chega e anuncia-se. O contínuo não se mexe. E a gente, se tem pressa que vá andando.

No escritório de Pai Américo também há assuntos sérios a tratar. Mas lá o respeito das horas de despacho é que ainda ninguém ganhou.

Ontem estava eu ao correio. Ele é uma montanha em cada dia, graças ao Senhor. Pois como a hora do correio coincide com o recreio das escolas; e como no escritório há algumas bolas confiscadas porque jogadas em lugares perigosos — eis que uma turma de eles me aparece por bolas com que preencher os minutos de folga. «É para jogar no campo» — apressam-se os petionários a esclarecer, por causa da escuridão.

Os senhores não se esqueçam de ler esta local muito atentos e com muito coração e façam favor de compreender e de desculpar vários dos azares que acontecem nesta «desorganização...»

MAS não julguem que são só os pequeninos e as bolas os agentes e os assuntos de interrupção.

Dias antes, Manuel Pinto descera do escritório onde estiveramos arrumando os pagamentos do mês e o respectivo balancete. Deixou-me enfiado em altos problemas de finança.

Pois, mal chega cá abaixo, lá viu movimento desusado no refatório pela porta de vidro que dá para o salão d'«O Gaiato» e foi espreitar *in loco*. Eis se não quando, um telefonema para cima: «Que grande catadana no refatório!! Não quer vir ver?...»

E o pior é que eu fui mesmo!

FERNANDO sapateiro foi um caso falado primeiro, no Porto,

quando a Mãe o vinha trazer, fugiu e foi um caso sério para o apanhar. No dia seguinte a Mãe conseguiu arrastá-lo até Paço de Sousa, mas ainda ela não retirara já ele andava fugido outra vez. A mãe pôs-se em campo e foi um jogo de cow-boys — mas apanharam-no. Ninguém queira saber, do que foram a berata e os modos de pri-sioneiro!... A pobre da mãe muito vexada e hesitante.

— Quer deixá-lo, ou não? — perguntei-lhe.

— Oh Sr. Padre, pois não hei-de querer!...

— Então vá-se embora que a gente trata-lhe da saúde.

Chamei o «Elvas».

— Tu aguentas-te com este?

— Aguento.

— Então já sabes: se ele quiser fugir pregalhe dois murros.

Não foram precisos. Passada uma hora o Fernando estava no que é seu e assim tem continuado.

O pior é que outro dia houve festa na freguesia. Ele estava castigado e não podia sair. Indo com o Sr. P.e Manuel pela Avenida, abaixa-se e entrega 1\$50 que fingiu achar. Sr. P.e Manuel registou o acto de honestidade.

Daí a momentos, um da classe do Fernando, aparece com um molho de rosquilhos.

— Foi o Fernando sapateiro que me deu dez tostões para lhes comprar.

Sr. P.e Manuel chama o Fernando. «Que os tinha achado nas meias».

De modo que já se está ver a esperteza do Fernando Sapateiro: Primeiro uma nuvem de fumo para tapar os olhos e depois a tratantada. Mas desta vez saiu-se mal!

E a Família continua a crescer.

Desta feita é o Fernando Guedes que foi da Casa de Miranda e depois do Lar do Porto. Foi naquela casa que eu o conheci. Foi até o primeiro que nos apareceu, ainda mal chegados, eu e o Padre Manuel que é hoje Prior de Cantanhede. E a sua verborreia era tal, o barulho e os ademanos tamanhos, que eu pensei com os meus botões: «Mas que fala-



A família da Obra é cada vez maior e será sempre assim até que o mundo acabe. Desta vez coube a iniciativa ao Fernando Guedes, que aqui damos à estampa, muito feliz, com sua Esposal

barato!» Pois era mesmo este — «Fala-Barato» — o seu apelido de gaiato.

Deus lhe dê, agora que ele tomou sobre si a responsabilidade de um Lar, a contracção do verbo, na mesma medida em que o bom senso se há-de dilatar.

PADRE Manuel António é um apaixonado pela lavoura. Ele tem espírito de mecenas, rejubila sempre que vê uma quinta modelo onde o trabalho do campo atrai e prende à terra os que a ele se dedicam e em que os salários compensam e livram de tentações de fuga prática.

Por isso mesmo ele faz quanto pode por tornar a nossa quinta rendosa e aprazível e não há dúvida que já se sentem os efeitos do seu esforço na dedicação mais espontânea com que vários rapazes se entregam à vida da lavoura. Neste momento, estão três especializando-se em pona numa das suas quintas modelo ali nas redondezas de Felgueiras. Quatro frequentam a Escola Agrícola de Santo Tirso, onde outro terminou este ano o seu curso. E mais três esperam pela idade para ingresso na dita Escola. Ora são estes que todas as noites vão para o escritório do Sr. Padre Manuel estudar um bocadinho, para que se não evapore completamente a ciência da Instrução Primária.

O que eu não sei é por que bulas o nosso

amigo Vitorino Bessa — que os espectadores do Coliseu bem conhecem pela sua arte de imitar os cães — ali faz também as suas estações.

A verdade é que o quadro é pitoresco. E mais, outro dia, em que Sr. Padre Manuel escrevia a secretária, tendente de si, ajoelhado, o Vitorino e estudantes espalhados pelo chão. Uma cena tão simples, tão familiar!

Que pena que em casas como esta haja o Gabinete do Senhor Director!

DEPOIS de muito pensar, de muito endurecer; depois de ter submetido a obra à aprovação dos nossos pais e dos nossos chefes — resolvemo-nos a fechar a sala denominada pelos senhores cicerones «sala de S. Vicente» e aproveitar o cimo da escada, outrora chamado «sala de Telefone» pelos mesmos ilustres guias dos visitantes, aproveitá-lo para um outro escritório.

Sucede pois que a passagem complicou-se e o trânsito por estes lados anda desafinado.

Ontem à noite, porém, sofri uma grande condenação. Estava no escritório e ouvia rumor no patamar ante a porta do novo escritório. Como a coisa não se resolvesse, fui ver e dei com o «Zig-Zag» pequenito de 11 anos, que me entregou o seu recado e desabafa: «Eu já nem sei cá vir!...»

continua na pág. TRÊS

PELAS CASAS DO GAIATO

e fizemos-lhe muita festa. Que bonito assim um lar cristãmente feliz! O Machado apesar de ser já um respeitável paizinho até parece mais novo! Até os olhos lhe riem ao da «minha filha»!!! Isto é uma grande consolação para nós gaiatos. Uma consolação e um exemplo. Aquele lar bonito que o nosso Machado hoje tem foi preparado com uma juventude bonita aqui no nosso Lar.

JOAQUIM

III

PAÇO DE SOUSA

COZINHA. É o centro de maior barulho e das grandes revoluções cá em casa. Foi sempre e continuará, até à consumação dos séculos... Também por esse mundo fora os homens se guerreiam, travando lutas de morte pelo alimento.

Pois bem. Os visitantes locais continuam a afluir grandemente, com cíterone — o da copa — e tudo e com os amens do chefe Carças... que é mesmo carças...

Um pedaço de bom bacalhau de molho para os compadres. Uma cebola para os mirones. Um naquinho de carne para adoçar o bico. Um açúcar para desopilar e até a Senhora D. Sofia vê a fruta do refeitório e a «água das pedras» desaparecer... que até parece ter asas... Um pouco de queijo e de manteiga e por aí fora até a conta subir muito alto. Muitos estragos. Muitos figurões. Muito mal. Ontem era o Martins que estava de piquete: uma cebola e sal no bolso, bacalhau em uma mão e a outra a entrar no refugado. Eram seis menos um quarto. Tinha pedido para ir ao curativo e zás na cozinha...

Já sabe que para ele os curativos terão de ser feitos na oficina até à hora do despegar. A Senhora e o nosso chefe Américo, com o Sepadre Manuel e o supervisor geral que é o Senhor Padre Carlos, terão de estar de olho arregalado, quando não continua, progressivamente, a aumentar a passara por aquelas bandas...

ACONTECEU. Acontecem. Acontecerão aos molhinhos. São um acontecimento nacional gaiato de todos os dias...

Não contamos: Na falta do leite, por esquecimento, na véspera fora resolvido fazer papas de farinha de milho. Com mais uma Carçada, ferveu-se a água, deitou-se sal. Como de manhã

apareceu o leite, Carças resolveu fazer café na mesma água. Resultado: Café com sal, grandes protestos e berreiros e a malta é que ficou a perder, tendo ficado sem o pequeno almoço e com a barriga a dar horas até ao meio dia. Isto acontece nos grandes e altos laboratórios da culinária da nossa aldeia...!!!

PÃO. O nosso pão. A tão saborosa boroa que o foinheiro manipula com ninguém. Fomos testemunha de uma queixa ao Sepadre Manuel:

— Estão a dar tão pouco...
— Mandem dar mais pão, que a gente também trabalha...

— Está bem, vai mais um nadinha. Mas só o necessário, ouviste?

E os nacos começaram a aparecer cá por baixo. Eram os dobradores do jornal. Eram os da lenha. Dela na Tipografia. Esta até suja com o pó do tipo e tinta de impressão.

SORNITE. Também por cá existem os fazedores de cera...

Atenção Bojarda, não se brinca e não se lê mosquitos nas horas de útil e sagrado trabalho que deve ser para nós todos a melhor, mais exacta e mais bela oração. Por esse motivo, o Francisco foi para o telheiro rachar cavacos, tendo tu, nisto, graves culpas. Olha que no campo há muitas gaivas para ahrir...

E todos os outros não se esqueçam da lição. Amanhã, quem lucra com isto somos nós. E aqui para nós tipógrafos, é muito mais grave ainda. Não o esqueçamos. A lavagem das mãos antes de ter tocado a sineta. A espreitadela a ver se o chefe está seguro. O estar sempre à espera da hora para despegar — tudo...

MOSQUITOS. Com essas malfadadas histórias aos quadradinhos, aparecem por aí montes e montes, o que é altamente nocivo, parasitário e destrói o que de bom é injectado. E é pena. Sim, senhor, muita pena que andemos para trás e fiquemos uma vida penando, como já aconteceu com muitos dos nossos irmãos. Na Tipografia temos fiscalizado e os do jornal andam sempre pejados dessas mosquitadas que só criam macaquinhos na cabeça e a tornam chocha de todo. Quem quer ficar toda a vida um peço, quem?

FANIQUEIRAS. E os piões. Os piões mai-las faniqueiras, que não pode ser um coisa sem a outra para se jogar. Acontece que o fio para as encomendas desaparece e o Manuel Pinto diz que o Sepadre Carlos ralha, ralha, se

farta de ralar quando vê as facturas. E o cofre está vazio. E não há dinheiro. E há muitas obras a seguir os seus trâmites. E a Tipografia, num acto de crescimento necessita de mais material e máquinas. Ainda agora era o Pipas e o Campanera que são uns homens, a pegar na faniqueira com fio clandestino. E até já apanhámos o Américo, que é o maioral, a jogr o pião, apesar de sabermos que não acaça fio... Ora vejamos os senhores o que para aqui vai...

CANÁRIO. O dito do Sejaquim. Muito amarelinho. Muito falador. Lá está ele a dar os bons dias ao sol brilhante que hoje faz! Está na gaiola, à janela do seu quarto na casa um, com folhas de couve tenrinhas, do olho, (ai se Sepadre Manuel vê!) entrelaçadas no arame da mesma. Também faz falta pois só há este e o do Carlitos, mas este fica mais longe, em sua casa. Venham ver cantar os canários, mesmo nos dias de frio e vivam estes que nos dão ânimo e alegria!

MACARRÃO. Não se trata de nada de comer ou outro negócio qualquer. Mas sim dum apelido como há muitos. Como existem 180 na Aldeia de Paço de Sousa.

Ele é o herdeiro do dicionário especial, editado pelo Sousa Santos que ora está na Marinha e dantes era mais conhecido pelo Girafa. Diz que está à Castromil e que anda funêto! O Campanera fez-lhe uma entrevista (graças a Deus aqui existem muitos e baratos jornalistas, a começar pela nossa pessoa que, diga-se, é uma simpatia) e disse que o seu maior amigo era o Martins por o ter levado ao Pedro. Ora o Pedrinho é uma tasca e quando há destas notícias traz sempre sarilhos. Queira Deus que não seja mais um... Ponha-se a nossa Pide em acção, veja-se e diga-se qualquer coisa para nós não ficarmos a pensar mal de ninguém. Isto é só para ver...

TANJARRO. É o Tanjarro. O Bernardino veio para a Tipografia. E se os senhores não sabiam, ficam a saber que todos os tipógrafos que entram de novo, além da alcunha que já têm, ficam a possuir mais um título nobiliárquico... Portanto, o Bernardino não conseguiu furtar-se à regra: Tanjarro!... Agora, para não passar cartão à parolada e para armar aos cágados, anda sempre com desperdícios no bolso para que toda a gente veja. E aprecia tanto esta modalidade que até já foi apanhado a limpar, à mesa, a boca com os citados e agora é um gozo dos diabos da malta:

— O parolo nem parece ser da Tipografia...
— Ó morcão, olha os desperdícios!
— Afinal quem são os espertos?

Para todos, em especial para os colegas que se encontram no estrangeiro e no Ultramar, neste Natal, vai a saudade de todos, o abraço amigo que sempre faz bem e do vosso,

daniel

III

SETUBAL

—Noutro dia houve tribunal. Tribunal rijo. O Silves, de 16 anos, foi o réu.

Porque temos cá uma cadelta, os cães deram em fazer ronda na nossa quinta. O Silves, que é o chefe da nossa vacaria, projectou dar caça aos cães. Agarrou um e deitou-lhe lume ao rabo. O bicho, correu os cantos à casa, até que mão caridosa o lançou à água. Houve alarme em casa. À noite, o culpado veio ao meio do refeitório. Primeiro negou, mas depois contou como tinha sido. Apanhou, e foi castigado, para que todos soubessem da gravidade do caso. Eu disse do amor aos animais, e falei na dor tida. Vamos a ver o valor destes tribunais em família. «Se estes não valerem, os outros também não valem», diz Pai Américo.

—Chegou o «Choninhas». É dos arredores de Coimbra. Não tem pais. Alguém tinha «tomado conta», até que tiveram netos. Veio para a nossa casa.

Entrou na comunidade à hora do terço. Estávamos na capela. Ele entrou pela mão dum dos já nossos. Chegou à

frente do altar, olhou para todos os lados e fugiu cá para fora. Não sei se alguma vez ele entrou numa igreja. Ele é muito atrasado, mas quem me diz a mim, que este rapaz, que aos oito anos foge da Fraternidade da Igreja, não vem a ser um santo. Em meia dúzia de dias, já tem outra cara, começou já a trabalhar. Daqui mais alguns dias, é um como todos os outros. «Isto é a Casa do Gaiato».

—Noutro dia, alguém nos deu dois carritos prós nossos Batatas. Precisavam d'arranjo, e foram ter à Marcearia. Daqui a pouco, apareceu lá toda a «troupe» dos Batatas, com o Daniel e Ramiro no comando.

Todos com sorrisos, graças e afectos nos seres e nos pareceres. E a toda a hora, lá vai um Batata ver o carro à oficina. Eu nem tenho pressa dos concertos só prós ver lá mais vezes.

—Senhor Padre Acílio saiu. Eu também fui fazer um trabalho fora. A hora reservada ao estudo — a hora das 6,5 às 7,5 da tarde — não estávamos. Pelo caminho vínhamos preocupados. Cheguei a casa, e fiquei contente quando me disseram que o Vilhena — que até aqui era o Chibinho — tinha reunido a malta, e tinha ensaiado cânticos Eucarísticos.

Vede a iniciativa da ajuda. O Vilhena é o 2.º chefe da nossa Casa. Era da ex-casa de Alcácer. Tem vontade; sabe ajudar. Estão aqui os que hão-de continuar a Obra. «Ela começa depois de mim», diz Pai Américo.

ERNESTO PINTO

Outra Carta

Esta vem de Newark, ali rentinho à babilónica Nova Iorque, onde são tantos os nossos compatriotas e numerosos, graças a Deus, os nossos Amigos.

Traz dentro uma circular da Boys Town fundada há 45 anos em Nebraska pelo P.e Flanagan, na qual se dá a conhecer o andamento da Obra e se pede o auxílio de que ela vive.

Fiquei contente por, lá como cá, as obras de Deus serem assim. E porque muitos de nós fazemos da América uma ideia só de Eldorado, o que não corresponde à realidade, eu dou aqui à estampa a carta do nosso correspondente de Newark.

Em primeiro desejo que esteja gozando boa saúde, e igualmente toda a rapaziada, e desejo que todos passem um bom Natal e Ano Novo, assim como todos os seus protegidos, é esse todo o meu prazer.

Sr. Padre Carlos aqui lhe envio um vale do correio de 10 dollars para pagar o meu Gaiato, e, o que sobrar, você sabe muito bem onde ele faz falta, e é para lá que ele deve ir; poderia mandar mais alguma coisa como era meu gosto mas, cá na América, nem tudo são rosas como muita gente pensa, que é chegar e encher o saco e pronto. Não é assim, aqui uma família custa a sustentar quando só há o braço do chefe, mas não se pas-

sa fome, embora cá se tivesse passado muita há uns 30 anos, e alguma ainda hoje, porque cá também há lugares idênticos à Curraleira e ao Barrêdo, que o Padre Américo descobriu. Como queria dizer, nesta altura do Natal é tantos pedidos por carta para auxiliar organizações de caridade, que o Sr. não calcula, e quem tem coração acode a todas conforme as suas possibilidades. Aqui há casas do gaiato e lá estão aos milhares, enquanto aí é aos centos; cá há casas de velhos abandonados, há orfanatos, tuberculosos, e aleijadinhos, e cegos, e muito mais e mais, que vivem só da caridade pública, e a sua maior campanha para organizar fundos para manter estas casas é sempre feita pela ocasião do Natal. As cartas em casa chegam, a gente nem pode saber onde são obtidos os endereços e nomes correctos, mas o caso é que elas vêm.

Se contarmos isto a muitos portugueses daí, eles chamam-nos todos, mas isto é verdade, aqui há tudo do melhor, isso é verdade, mas não esqueçamos que também há tudo do pior.

Portanto quem tem coração também acode aos daqui porque quem pede não tem o que precisa.

Se todos os que podem ajudar sem os que precisam, ninguém precisava.

Vistas de Dentro

Vem da página Dois

Os senhores escritores da Tipografia e seus arredores, têm muitas prosápias de que por lá é que é! Por isso eu fico todo contente quando vejo alguém que chega para os bigodes dos ditos senhores.

Ora leiam, se fazem favor, este desabafo de um nosso Amigo:

Acuso a recepção do postal remetido por essa Tipografia pelo qual me foi dado conhecimento de que não consta na minha ficha a liquidação do livro «Pão dos Pobres» — II volume.

Sou a informar de

que não recebi o referido volume. Em meu poder encontra-se somente o primeiro.

Deve ter havido lapso de registo na ficha ou na remessa do livro.

Note-se que, ainda há pouco tempo, recebi 3 exemplares do mesmo número de «O Gaiato», pelo que me parece que os serviços aí não andam muito afinadinhos.

Ó que boa chega!

ITO de Dezembro. Dia da Imaculada Conceição de N. Senhora. Dia da Mãe!

A «Obra da Rua» é Mãe. Para isso nasceu e é há 23 anos. Isso é, por que rebento da Igreja, que é Mãe por excelência. Esta qualidade faz da Obra, uma coisa singular entre outras materialmente congêneres.

Quem dera que todos os seus filhos assim a compreendessem e sentissem! E, se nem todos, a maioria, graças a Deus, se não mais cedo, mais tarde, a maioria vem a compreender e a sentir desta sorte.

Outros compreendem mais depressa e mais profundamente. Vejam este postal recebido no

dia da Mãe de um dos nossos estudantes ausentes.

Não posso deixar passar este dia da Mãe, este da Imaculada Conceição, sem lhe dirigir umas palavrinhas neste grande dia para a Mãezinha e para mim. Desejo-lhe muita saúde e alegria pela vida fora.

Agradeço-lhe todo o amor que me dá, peço-lhe perdão das minhas faltas cometidas. Nunca a esquecerei, porque para mim será a melhor mãe do Mundo.

Muitos beijos do filho
RUI



Do que nós necessitamos

NATAL — É a quadra mais festiva e mais santa do ano. É nela que os homens esquecem seus rancores, maldades e ódios, para dar lugar a um pouco de amor ao próximo.

Nas nossas casas, graças a Deus, é um constante desfilar de donativos e encomendas, embrulhos e sei lá que mais. O escritório do Sr. P. e Carlos, chega a parecer nesta época e à abertura das ditas encomendas, um verdadeiro e sortido armazém, tal a variedade do vestuário, calçado e diversos, que até nós chegamos, enviados pelas mãos carinhosas dos nossos Amigos.

E começamos com 20\$00 de Soure. De Lisboa, selos de correio de valor de 21\$00. Dum assinante de Rio Tinto, duas vezes 100\$00. Gaia com 20\$00, de uma anónima. Da Farmácia Moutinho de Cabeceiras de Basto, pessoa amiga e conhecida enviou-nos 50\$00. Do Dundo — Ango'la, um cheque de 500\$00. Da conceituada firma de material gráfico, Polónio Basto & C.^a, 250\$00 pela passagem do 40.º aniversário da firma e mais 500\$00 do seu Pessoal «pela passagem da quadra natalícia».

De S. Vicente — Cabo Verde, 100\$00. Lisboa-2 com 1.000\$00, divididos pelo Calvário, Belém, Barredo e Auto-Construção. Mais um cheque de 7 dollars de Massachusetts. De Arcozelo — Gaia, 250\$00. C. P. S. com 100\$00. Da Rev.ª Madre Superiora da Casa de Saúde da Boavista, 350\$00. Do Casal R. D. 220\$00. De Lisboa, 100\$00. Pinhel com 40\$00.

«Um padrinho», do Porto, 25\$00. «Um Ribatejano, que moureja há 36 anos no Ultramar, com votos de longa vida e engrandecimento da vossa obra», 500\$00. É de Lourenço Marques este amigo. Uma migalhinha de 10\$00. De Lisboa 20\$00. «De uma amargurada pelo dia 22», 50\$00. A presença de sempre, da Avó de Moscovide. De «Ninguém» — Sintra, 5 títulos de Consolidado 2 3/4% de 1943.

continuação da pág. UM

selos para o Calvário; 100 de anónimo de Lisboa; 50 de Coimbra; 50 da Lousã; 20 de Coimbra; 500 na Missa por alma do pai; 100 levados ao Lar; assinaturas e mais alguma coisa; 100 na Sé Nova; 100 encontrados à porta da mesma Sé; 50 de viúvo vizinho; 40 na rua em Coimbra à vista de muita gente.

E mais tudo o que vai chegando nesta quadra e de que daremos notícia em ocasião próxima.

Padre Horácio

50\$ «Por Alma d'Aquela que eu tanto amei para a Obra que Ela tanto amava».

«O pessoal da Fábrica do Jacinto (tecelagem) envia a sua mensagem de Natal e 1.030\$00. Da mesma firma e de um operário 20\$00, e de uma operária, umas peças de roupas». Que o Deus Menino, vos agradece.

Promessas cumpridas do Dundo, com 700\$00. Celorico de Basto com 20\$00. Braga com 60\$00. Do assinante 2417, 500\$00. De uma anónima, 300\$00. Lisboa-5 com 100\$00. Do Porto, 50\$00. De Avintes 20\$00. Leiria com 240\$00. A. M. R. do Porto, 200\$00. Novamente Braga com 100\$00. Continuam promessas de 50\$00, 1.000\$00 e 100\$00, todas do Porto.

Uma peça de lanifícios, da Fábrica das Poldras. Por intermédio dos nossos amigos F. da Silva Cunha & Filhos, recebe uma peça de fantasia-xadrez do Sr. Benedito de Barros & C.^a. Mais lanifícios de Teixoso. Uma peça de riscado de Braga. Peças de malha de Lisboa-L. Da Parede, mais uma encomenda de roupas. Se estes amigos se sentem felizes dando, também nós, por recebermos e termos que distribuir pelos nossos e pelo próximo.

Um envelope com dinheiro, deixado nos Jerónimos. Do assinante 23888, 100\$00. Do Porto, um vale de 500\$00. Dum anónimo, 20\$00. A Invicta continua a aparecer com 500\$00, de quem nos visitou e pagou assinaturas. Mais 50\$00 e 20\$00 da mesma terra. Donativo do assinante 27756. Silvã com 50\$00. Livros de estudo, de Famalicão. 50\$00 de Algés. Uma viúva de S. Mamede de Infesta com 50\$. Do Grémio dos Industriais de Arroz, 500\$00. Da Fundação de Sinos de Rio Tinto, uma sineta nova. É esta que nos chama a todos os actos de comunidade.

Para a «viúva da Nota da Quinzena», 100\$00. Igual quantia para ajudar uma mãe a alimentar seu filho. De Gondola, um vistoso anel, que fora dado há 14 anos a uma senhora, como prenda de casamento. Não o usando, não sabia o que fazer-lhe até que encontrou solução: repartir o seu valor pelos Pobres do Barredo.

De uma Maria, 50\$00. Fundão com 100\$00. Rio de Moinhos — Ribatejo com 20\$00. Assinante 11080, 100\$00. De Setúbal, 100\$00. Das Telefonistas de Famalicão 150\$00 como lembrança do Natal. 200\$00, dum assinante de Rio Tinto. 20\$00 dum anónima, da Fábrica Salgueiros. De Anta — Espinho, alguns utensílios de barbeiro. E Lisboa, da Praça de Damão, 300\$00.

Lisboa-2, de uma promessa 50\$00. No Lar, 50\$00. De um assinante de Rio Tinto, 300\$00

em acção de graças. Mais promessas cumpridas com 100\$00 da Praia da Granja, 10\$00 do Porto e 20\$00 de Braga.

Migalhinha de 10\$00. «De uma alma agradecida a Pai Américo», 50\$00. A nossa assinante de Pombal, dizemos que sim senhor. Recebemos tudo e mais os 70\$00 de há pouco. 600\$00 de Porto-Amélia. 100\$00 do Porto. No B. E. S., um anónimo da R. da Aliança depositou 1.000\$00. Da assinante 20902, 70\$00, produto de uma subscrição entre vizinhas, e em sufrágio de uma outra, já falecida. Pelo aniversário natalício de Pai Américo, 50\$00 da Rua do Vale Formoso,

CHALES DE ORDINS

Paz na terra aos homens de boa vontade. O Senhor prometeu a Paz a todos quantos se fossem aquecer no Braseiro quente da gruta fria de Belém. Todos vós que nos ledes, por certo que contemplastes Aquele Menino e meditastes naquela grandeza humilhada, naquele Infinito feito homem.

Dos Seus lábios divinos eu ouvi e vós ouvistes também o conselho da Sua pequenez: «Se não vos fizerdes como meninos, não entrareis no meu reino». E o Seu reino é reino de verdade, caridade e justiça, reino de amor e de paz.

Ah! Se o mundo escutasse esta voz! Como seria diferente o panorama da terra.

Para os homens de hoje — não para todos por graça de Deus! — a verdade é inícrise; a caridade é dar para dominar e erguer-se no pedestal da sociedade; a justiça é vingança; o amor é a quietude da destruição ou o estacionamento no medo. E, afinal, não é isto o que o nosso Deus ensinou. Porque a Caridade é dar-se e depois, dar; a Justiça é a entrega e cada homem dá o que merece e a sua dignidade exige; a Verdade é uma exigência de conformidade do que somos com *O que é*; o Amor é uma fôrma ardente que faz de todos um só coração e uma só alma; a Paz é uma tranquilidade ordenada do homem para consigo mesmo, para com Deus e para com os seus irmãos, n'Ele, com Ele e por Ele.

Perdoai, caros leitores e amigos, porque o meu desejo não é ensinar, mas meditar. Meditar convulso no tado desta cabana humilde, no nada que somos, no tudo a que somos chamados.

«O que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos, é a mim que o fazeis».

Perdoai, Senhor, porque nem sempre foi assim que eu trabalhei. Dei não a Vós, mas a mim. Não por amor de Vós, mas por amor de mim. Se eu Vos visse

de alguém que todos os anos se recorda do 23 de Outubro.

Do nosso muito amigo Sr. Eng.º H. F., de Lisboa, 3 óptimas malas, em resposta ao pedido do Sr. P. e Carlos, feito no «Famoso».

E para finalizar, uma carta das Caldas da Rainha, que só poderia ser escrita por um grande coração. Um coração que sabe perdoar!

Ei-la:

«Junto envio 40\$00 referentes a dois meses do meu ordenado.

Queria continuar com os meus 20\$00 todos os meses, mas estou novamente sem emprego. Que Deus perdoe ao meu patrão.

Peço rezem para que arranje depressa colocação e assim continue com a minha presença junto de vós.

Até breve.

Uma pecadora»

Que a Paz, aquela Paz evangélica que os anjos cantaram nas alturas, reine em todos os corações e em todo o Mundo.

Por tudo bem hajam.

MANUEL PINTO

naquela criança, ter-lhe-ia limpado o rosto sujo das lágrimas e do pó que trazia nas mãos. Não teria despedido aquela mãe que acheria despedida por me apresentar o seu filho definhado e para me pedir uns tostões para quem me pedia uma sopa. Não despedia com um ar enojado aquele homem que cheirava a vinho e que, afinal, vive assim porque não o ajudei a ser diferente, e ele não sabe ser melhor.

Como pedes muito, Senhor! Assim me parece... e, contudo, pedes pouco: Que dê a quem me deu; que ame a quem me amou, primeiro e mais que eu; que seja irmão!

É que hoje, Senhor, o amor fraternal já quase não existe. Vinde, Senhor; voltaí para o meio de nós.

x x x

Amigos e benfeitores de Ordins, «uma mãe» que me envia todas as semanas cinco escudos, diz-me assim numa carta:

«Porque não lembra no «Gaiato» para que lhe mandem as migalhinhas como esta? É tão pouco... mas muitos destes poucos, todos os meses, somavam uns escudos razoáveis que, por certo, muito arranjo lhe fariam não é verdade? Dê um lamiré, que talvez dê resultado».

Não sou eu quem pede. É uma mãe... com o coração de mãe a pedir. Oxalá sua voz fosse ouvida.

Foram bastantes os que nos ajudaram este Natal, mas menos que os anos anteriores.

De Lisboa pediram cinco chales, uma carpeta, um cobertor e vinte e três camisolas.

Para o Porto enviámos: dezasete chales, dois cobertores, uma colcha e um tapete.

Foi também uma echarpe para Carviçais, uma colcha para Eírol, um chale para Coimbra, dois para Torres Novas, um para Niza e outro para o Estoril, treze para Penacova e dois para a cidade da Beira.

P. e PIRES

AUTO CONSTRUÇÃO

Existiram sempre derrotistas. Continuarão a existir em todos os tempos, em todas as terras, em todos os lugares. Não se renderão nem à força dos argumentos, nem à evidência dos factos. Manobram os defeitos das coisas, dos homens, das organizações. Sectários. Regra geral falharam nos seus propósitos e agora gozam extraordinariamente com os insucessos alheios. Estes insucessos, aumentados e generalizados, são uma compensação. Quem os não conhece? Quem os não ouviu? Quem não foi vítima do seu riso de variadas cores? Comentam injustamente os reveses e guardam silêncio, quando, de maneira alguma, podem discordar. Estes derrotistas também darão sinal de si quando em qualquer terra se pensar em Auto-Construção. As dificuldades reais, que existem e nós somos os primeiros a admitir, serão exageradas. Os fracassos, aqui ou além verificados, serão lembrados e de tal maneira explorados que parecerão tornar este movimento uma impossibilidade. O processo é sempre o mesmo. Silêncio a respeito dos factos comprovativos e exagero das deficiências reais ou aparentes. Insistirão na impossibilidade de entendimento de um grupo de trabalhadores. Lembrarão a falta de terrenos, as dificuldades da burocracia. Não deixarão de lembrar também que o tempo é muito e que, por fim, os rapazes desanimarão. Em tudo isto há alguma verdade, alguma razão. Realmente é difícil o entendimento entre um grupo de jovens trabalhadores. Também em toda a parte, desde a aldeia à cidade, é um problema difícil. Ainda a aquisição de terrenos. Ainda a certeza que, sobrenodo nas cidades e nas vilas, as dificuldades burocráticas muitas e muitas vezes põem à prova a paciência dos construtores. Por último também é certo que este sistema de construção de casas exige muito tempo. Na melhor das hipóteses três anos. Tudo isto é certo. Primeiro que ninguém, somos nós a lembrá-lo, a repeti-lo, sempre e em toda a parte. E, não obstante tudo isto e ainda muito mais que poderia acrescentar-se, Auto-Construção é um movimento possível, diremos mesmo viável, que poderá fazer alguma coisa no domínio da habitação. É que estas mesmas dificuldades, quando nos não vencem, estimulam-nos. O homem só forma o seu carácter em contacto com a dificuldade, com a oposição. Convém não ignorar os contras, nem tão pouco os aumentos. A importância das dificuldades é também uma prova da beleza do empreendimento. A vida humana é para os lutadores. Felizes os que escolhem estes ou outros semelhantes campos de batalha.

P. e FONSECA

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes